

Luís Quintais

O pesadelo da história,
anotações sobre um texto
de James Holston

É a história o pesadelo de que se deve acordar?

Em *Ulysses*, Joyce afirma-o sem peias através de Stephen Dedalus. Memoravelmente: «A história, disse Stephen, é o pesadelo do qual eu estou a tentar acordar.» [-History, Stephen said, is a nightmare from which I am trying to awake.]¹ Mr. Deasy retorquirá adiante que os caminhos do Criador não são os nossos, sendo que toda a história se move de acordo com um desígnio, a manifestação do Criador. [-The ways of the Creator are not our ways, Mr. Deasy said. All history moves toward one great goal, the manifestation of God.] Miúdos jogavam à bola lá fora. Stephen aponta para a janela, referindo-se a um aviso de golo, e diz: «Aquilo é Deus.» «O quê?», interroga-o Deasy, e Stephen responde, «Um grito na rua». [§ From the playfield the boys raised a shout. A whirring whistle: goal. What if that nightmare gave you a bad kick? § - The ways of the Creator are not our ways, Mr Deasy said. All history moves towards one great goal, the manifestation of God. § Stephen jerked his thumb towards the window, saying: - That is God. § Hooray! Ay! Whrrwhee! § - What? Mr Deasy asked. § - A shout in the street, Stephen answered, shrugging his shoulders.]²

Em «Generative copies: modernist architecture and urbanism in Brazil», James Holston considera a vontade destrutiva e projectiva que a modernidade (e com ela aquilo a que chamamos de modernismo) encena. Retomando as palavras de Stephen Dedalus, dir-se-ia que, para os modernistas (sejam eles Joyce ou Le Corbusier, Eisenstein ou Eliot, Wittgenstein ou Malinowski), o grande desafio será, justamente, libertarmo-nos do pesadelo da história.

Para onde quer que olhemos, descobrimos sempre um mesmo impulso projectivo que faz da «revolução» a sua matriz ou expediente normativo, que reitera obsessivamente a urgência e a necessidade de eliminarmos o «ruído» - e o ruído é seguramente uma das grandes metáforas modernas -, seja sob a forma de excesso, seja sob a forma de decorativismo. O ruído poderá ser a história, sem dúvida.

O tema tem implicações profundíssimas na matriz conceptual moderna. Saussure faz opor «língua» e «fala», «sincronia» a «diacronia», colocando a ênfase na língua, isto é, na «estrutura». A fala é o ruído de Saussure, tal como o é a diacronia. Malinowski elimina a especulação evolucionista, essa patologia histórica inscrita na teoria. Fá-lo em nome da sincronia, mais uma vez; algo que, de maneira ainda mais notória, guiará Radcliffe-Brown. Eliot declinará melancolicamente a pesada tradição europeia e a trágica esterilidade que lhe corresponde. The